

HABIB, Ian Guimarães. **Corpos transformacionais**: transformação corporal e transativismo de direitos humanos no Projeto Trans-formação da Organização das Nações Unidas. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Dança; Mestrado; Fernando Marques Camargo Ferraz; Capes/CNPQ; Artista Cênico e Audiovisual.

**RESUMO:** Este trabalho aborda políticas da materialização e potencialização da alteração de estados corporais como procedimento de criação em Performance, consubstanciadas a partir de corpos transgêneros, em atividades de Transativismo de Direitos Humanos no Projeto Trans-Formação da Campanha Livres & Iguais da Organização das Nações Unidas, em Salvador, durante 2019. Fundamentando as práticas em minha noção de *Corpo Transformacional*, apresento diferentes materiais etnográficos no intuito de localizar as transformações corporais relacionadas aos estados físicos em tais produções, principalmente em relação ao modo como tais corporificações operam na dissolução dos sistemas de gênero hegemônicos, fundados por dispositivos de controle corporal. O material utilizado nesta análise é composto por trechos de discursos presentes nas obras de alguns dos artistas transgêneros participantes do projeto, pela investigação de suas ações e por mídias em que foram veiculados esses trabalhos. Organizo o estudo a partir de situações de tensões em torno da (in)visibilização dos corpos em questão no campo político, momentos marcados por conflitos que implicam práticas de censura, assassinato, propagação de discursos de ódio e violências epistêmicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transgênero. Corpos transformacionais. Ativismo. Direitos humanos. Performance.

**ABSTRACT:** This article discusses politics of materialization and potentialization of the physical states alteration as procedure for creation in Performance, based on transgender bodies, in Human Rights Transactivism activities in the Trans-formação Project of the United Nations Free & Equal Campaign, in Salvador, during 2019. Substantiating the practices on my notion of the *Transformational Body*, I present different ethnographic materials in order to locate the physical transformations related to the physical states in such productions, especially in relation to the way these embodiments operate in the dissolution of hegemonic gender systems, founded by body control devices. The material used in this analysis consists of excerpts from speeches present in the works of some of the transgender artists participating in the project, the investigation of their actions and the media in which these works were published. I organize the study from situations of tensions around the (in)visibilization of the bodies in question in the political field, moments marked by conflicts that imply censorship practices, murder, hate speech propagation and epistemic violence.

**KEYWORDS:** Transgender. Transformational body. Activism. Human rights. Performance.

A noção de Corpo Transformacional (2018, 2019a, 2019b, 2019c, 2019d)<sup>1</sup> é uma reunião de pensamentos em meu trabalho como Transativista de Direitos Humanos (Organização das Nações Unidas)<sup>2</sup> e em minhas pesquisas de graduação e mestrado em Artes Cênicas, Filosofia e Antropologia<sup>3</sup>:

O Corpo Transformacional é aquele que, a partir da alteração dos seus estados corporais, tem, dentre outros aspectos, sua qualidade de movimento, sua forma e sua existência alteradas. A mudança de um estado corporal para o outro, ou seja, a transformação corporal, pode se dar por estratégias de movimentação baseadas em tarefas físicas, por indicações de movimento, pelo trabalho corporal imagético, e por acoplamentos e reacoplamentos em redes de materialidades que incluem corpos humanos e não-humanos, como organismos, dispositivos tecnológicos, espaço-tempo, coisas, forças, conceitos abstratos e epifenômenos — as produções de efeitos materiais podem se dar também a partir da memória, imaginação e pensamento. Essas redes de (re)associações/dissociações atuam na potencialização, amplificação ou distorção da experiência física, sempre dissolvendo as dicotomias presentes nas separações entre corpo e mente, corpo e espaço, organismo e máquina, físico e não-físico. Um Corpo Transformacional transforma materialidades, sendo simultaneamente transformado por elas. (HABIB, 2019b, p. 3)

As transformações corporais podem ser pensadas também em diálogos com o conceito de performativo, de Butler (2008):

para se compreender a fluidez dos processos de subjetivação da identidade de gênero, particularmente os experienciados por pessoas transgêneros. O performativo descreve atos, gestos e atuações que pretendem expressar fabricações, manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos, de essências e identidades. O corpo marcado pelo performativo, segundo a filósofa (idem), sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos de sua realidade fabricada. Isso implica, conforme minha análise, modificação dos estados corporais em cada ato de produção corporal. Cada uma das novas materializações e potencializações da transformação corporal performadas por diferentes corpos trans\*, fabricam realidades diversas e outros estados físicos de presença, operando por diferentes valores na transformação de sistemas de saberes e poderes, sendo escolhas politicamente orientadas. (HABIB, 2019b, p. 4)

---

<sup>1</sup> Corpos Transformacionais: proposições decoloniais sobre corpos e gêneros nas artes da cena. Meu capítulo a ser publicado no livro *Práticas Decoloniais nas Artes Cênicas* (2019c), organizado por Dr. Robson Haderchpek/Dr<sup>a</sup> Joice Aglae/Saulo Almeida; *Corpos Transformacionais: o Novo Materialismo e o Pós-Humanismo na cena transgênera contemporânea*. Artigo a ser publicado nos *Anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero 2019*, em 2020/1.

<sup>2</sup> *Un Volunteer*.

<sup>3</sup> Agradeço a Janaína Freitas por suas contribuições.

Partindo dessa criação, tenho analisado a dinâmica transformacional de corpos e gêneros diversos, em perspectivas decoloniais<sup>4</sup>. A dimensão da transformação corporal marca a infundável instabilidade operada pela modificação potencial dos estados corporais nas artes da cena (HABIB, 2018, 2019b):

Do Latim *statum*, que configura em sentido próprio “maneira de estar em pé, postura, atitude, posição” e em sentido figurado “posição, situação” (1962, p. 942), a palavra *estado* também pode ser relacionada ao Latim *sto*, que na língua poética significa “estar, ser” (1962, p. 945), ou seja *sum*. Naturalmente paradoxal, *statum* contém em si tanto os aspectos temporalmente mútaveis caracterizados pelo ser e estar, e pela situação, quanto a fixidez da “posição, bom estado, estabilidade” (1962, p. 942). Já em Português, *estado*<sup>5</sup> é “forma de ser ou estar”, “condição em que as coisas se encontram”, “disposição física de uma pessoa ou animal”, “condição emocional, psicológica ou moral de uma pessoa em determinado momento”. De onde se pode inferir que estado corporal é etimologicamente uma forma corporal de ser ou estar, condição, situação ou disposição física, emocional, psicológica ou moral em que se encontra um corpo. (...) O corpo que potencialmente assume diversos estados expõe uma modificação profunda na presença cênica (...). Pensando nessas estruturas, pode-se dizer que o Corpo Transformacional almeja romper com sistemas<sup>6</sup> de controle, que produzem corpos disciplinados, ideais para reproduzir padrões e normas de comportamento e movimento. Já que o poder do *Estado* opera justamente nos *estados* corporais dos sujeitos, o corpo pode ser investigado em termos de agência. E, como a própria etimologia sugere, o *estado*, um termo que define posição e estabilidade, é ao mesmo tempo e dentro de seu próprio significado o ser e estar no tempo, ou seja, quadros perpétuos de transformações dessas mesmas posições e estabilidades do ser. (HABIB, 2019b, p. 4 e 5)

---

<sup>4</sup> Em geral, associa-se o conceito de colonialismo ao “processo histórico de estabelecimento de colônias” por determinada nação (HOUAISS; VILLAR, 2001, 763, acepção 1). (...) Há uma correlação bastante presente entre o conceito de colonialismo e a dominação europeia, a partir do século XVI, de populações inúmeras e territórios hoje denominados americanos, africanos, asiáticos, oceânicos. (...) Ao tomar a (de)colonização como conceito analítico para uma reflexão sobre as diversidades corporais e de identidades de gênero, pretende-se denunciar o caráter colonizatório dos obstáculos institucionais e não institucionais a uma existência digna a essas pessoas, incluindo-se aqui sua exclusão sistemática de espaços de decisão e produção de conhecimento, bem como explicitar o etnocentrismo que permeia as definições dominantes de gênero, desestabilizando cronologias que privilegiam instituições médicas para analisar inconformidades de gênero – respeitando, pois, a existência histórica de perspectivas outras sobre gênero que não a ‘ocidental’. (VERGUEIRO, 2015, p.41 e 42).

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/33rIB8e>>. Acesso em: 28 outubro 2018.

<sup>6</sup> ‘Sistema-mundo’, uso-a enquanto referência a Grosfoguel (2012, 339), que caracteriza um “[c]istema-mundo ocidentalizado/cristianocêntrico moderno/colonial capitalista/patriarcal” que produz “hierarquias epistêmicas” em que (...) perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas, ou silenciadas. A corruptela ‘sistema’ (...) tem o objetivo de enfatizar o caráter estrutural e institucional – ‘cistêmico’ – de perspectivas cis+sexistas, para além (...) [da] ‘transfobia’. (VERGUEIRO, 2015, p. 15).

Algumas práticas de materialização e potencialização da alteração de estados corporais podem ser pensadas a partir de corpos e gêneros diversos, em atividades de Transativismo de Direitos Humanos no Projeto Trans-Formação da Campanha Livres & Iguais da ONU, projeto que visa formar ativistas e executar projetos de ativismo junto a diversas instituições. Alguns dos conteúdos nele abordados podem ser citados: “Gênero e Desigualdades’, ‘Treinamento em Mídia’, ‘Inclusão Social’, ‘Empregabilidade’<sup>7</sup>, ‘Empreendedorismo’ e ‘Enfrentamento à Discriminação’<sup>8</sup>. O primeiro eixo, chamado de:

‘Módulo Pessoal’, visa à promoção do empoderamento pessoal das (os) participantes. O módulo provocará atividade de reflexão de subjetividades e construção de narrativas pessoais, a fim de fortalecer a identidade individual para melhor interação nas vivências coletivas (social, trabalho, educação lazer, cultura e política). Já o segundo eixo da formação, intitulado ‘Módulo Comunitário’, objetiva a potencialização do trabalho das (os) participantes enquanto lideranças pelos direitos da população T\* (...).<sup>9</sup>

O foco deste trabalho é a edição de Salvador (2019), da qual fui um dos ativistas selecionados. O Trans-Formação é um projeto:

Concebido e liderado pela ONU Brasil que atua na formação política e empoderamento das pessoas trans envolvidas – ou interessadas em envolver-se – no ativismo. Duas edições-piloto já foram implementadas no Distrito Federal com o apoio de organizações da sociedade civil, da academia, do governo e do Ministério Público do Trabalho. O intuito da iniciativa é fortalecer as redes de pessoas trans, promovendo sua articulação com instituições e espaços de poder locais (...).<sup>10</sup>

O projeto já teve duas edições em Brasília e, e contou com o apoio<sup>11</sup> da:

---

<sup>7</sup> O projeto obteve apoio do MPT. Disponível em: <<http://bit.ly/2snEixUl>>. Acesso: 25 nov 2019.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/35FM8Ba>>. Acesso em: 25 nov 2019.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/34qTmZJ>>. Acesso em: 25 nov 2019.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/35Le6vD>>. Acesso em: 25 nov 2019.

<sup>11</sup> É importante que as mais variadas instituições que lidam (...) com os direitos das pessoas trans sejam consideradas para a parceria. Os benefícios (...) são múltiplos: O envolvimento com o Trans-Formação contribui para a introdução da temática dentro das instituições e a quebra de estereótipos sobre as pessoas trans; O contato entre (...) participantes e as instituições parceiras podem resultar em novos projetos e iniciativas em prol dos direitos das pessoas trans e vice-versa; O Trans-Formação pode se tornar um espaço de conexão entre as instituições parceiras. Disponível em: <<http://bit.ly/35Le6vD>>. Acesso em: 25 nov 2019.

Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos – ABGLT, Associação Baiana de Travestis, Transexuais e Transgêneros em Ação – ATRAÇÃO e do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades – IBRAT.<sup>12</sup>

Em relação ao perfil<sup>13</sup> de participantes, saliento que as “experiências do Trans-Formação no Distrito Federal demonstram que, apesar de o grupo ser heterogêneo, a maior parte das pessoas estava em situação de vulnerabilidade socioeconômica.”<sup>14</sup>. A mesma consideração pode ser feita em relação aos participantes de Salvador. Devido a essa observação, a saúde mental das pessoas participantes foi uma das grandes preocupações da organização, já que muitas apresentavam quadros depressivos e ansiedade, o que as impediu de frequentarem assiduamente os encontros soteropolitanos. A coordenação e a consultoria atuaram na contenção de crises e um plano de saúde foi oferecido pela ONU a todas as pessoas participantes. A facilitação da operação de procedimentos de transformação corporal, através do plano de atendimento oferecido, foi um dos fatores que possibilitou os encontros, visto que, para algumas pessoas, uma melhor qualidade de vida foi alcançada através desses procedimentos, em conformidade com desejos e sonhos de uma vida, que somente poderiam ser atendidos com o auxílio do projeto. Alguns dos órgãos citados neste trabalho auxiliaram em processos de abandono familiar e agressões físicas sofridas por alguns dos integrantes do grupo durante o projeto. Durante 2019 sofri uma agressão física familiar e o apoio dessas instituições em minha recuperação foi essencial.

Algumas das conquistas das edições ocorridas no Distrito Federal podem ser ampliadas pela edição de Salvador: 1) Fortalecimento do ativismo trans soteropolitano, a partir da criação de organizações de pessoas trans e estabelecimento de representatividade local, conectada às redes nacionais de pessoas trans – acesso ainda mais facilitado pelo local onde ocorreram as

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/34rJhf4>>. Acesso em: 25 nov 2019.

<sup>13</sup> Dos 26 integrantes da primeira turma do Trans-Formação: 59% não estava empregada e nem exercia qualquer ocupação; 15% não havia continuado os estudos após o ensino fundamental e 63% após o ensino médio. Dos 30 integrantes da segunda turma do Trans-Formação: 65% não estava empregada e nem exercia qualquer ocupação; 26% não havia continuado os estudos após o ensino fundamental e 30% após o ensino médio. Disponível em: <<http://bit.ly/35Le6vD>>. Acesso em: 25 nov 2019.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/35Le6vD>>. Acesso em: 25 nov 2019.

reuniões do projeto, o Casarão da Diversidade (SJDHDS) de Salvador, onde trabalha a coordenação<sup>15</sup> local do Trans-Formação, formada por Symmy Larrat (Coordenadora do CPDD e Presidenta ABGLT) e Keila Simpson (Presidenta da ANTRA), com o apoio de Gabriel Teixeira (Coordenador do SJDHDS); 2) Participação ativa das pessoas trans nos assuntos públicos e na construção de políticas públicas, em ações nos principais espaços de decisão; 3) Fortalecimento da interação entre ativistas e instituições locais, que passaram a realizar atividades de maneira conjunta, coordenada e interdisciplinar – acesso facilitado pela consultoria de Seu Vérciah (Artista e Pesquisador) e Sellena Ramos (Casa Aurora e Pesquisadora); 4) Deu origem a um grupo coeso e articulado, que promoveu diversas ações de ativismo; 5) Fortalecimento de redes de apoio.

A ONU envolveu também Michele Dantas (ONU) e Javier Angonoa (ONU/UNAIDS) no programa de mentorias<sup>16</sup>, que pretende<sup>17</sup> conectar as pessoas participantes à outras pessoas cuja trajetória profissional possa inspirar e facilitar o trabalho de Ativismo, ampliando a possibilidade de alcance de objetivos do Projeto e o engajamento das instituições locais na promoção e garantia de direitos. É importante salientar a interdisciplinaridade dos campos de atuação das pessoas mentoras, atuantes nas áreas de Direito, Saúde, Ativismo, Humanidades e Artes, e a não-obrigatoriedade de continuidade entre as áreas de atuação das pessoas mentoradas e mentoras. Dessa forma, as

---

<sup>15</sup> A coordenação (...) é composta por todas as instituições e organizações envolvidas no seu planejamento e implementação. Utilizando o enfoque baseado em direitos humanos, no qual se busca engajar tanto os detentores de direitos e os detentores de obrigações, (...) foi fundamental o engajamento das organizações da sociedade civil, sobretudo, aquelas lideradas por pessoas trans, bem como também foi de grande importância engajar instituições do Estado (...). Além disso, várias instituições (...) da sociedade civil e organismos internacionais participaram ativamente na facilitação de encontros e no programa de mentorias. Disponível em: <<http://bit.ly/35Le6vD>>. Acesso em: 25 nov 2019.

<sup>16</sup> O Programa possibilitou: “Ampliar o potencial da incidência política d[e] participantes e consolidar projetos e parcerias em defesa dos direitos da população trans; O intercâmbio horizontal de conhecimentos e vivências entre mentorand[e]s e mentor[e]s; Sensibilizar e criar redes entre as instituições locais para a promoção dos direitos humanos da população trans e engajar as instituições e (...) mentor[e]s na causa trans.”. Disponível em: <<http://bit.ly/35Le6vD>>. Acesso em: 25 nov 2019.

<sup>17</sup> As mentorias visam “Contribuir com a iniciativa, compartilhando o seu conhecimento e experiência com [u] mentorand[e]; Ter disponibilidade para se encontrar com [u] mentorad[e] ao menos duas vezes durante a edição do Trans-Formação. Ter disponibilidade para participar das reuniões de coordenação com a mentoria, cujas datas foram acordadas já no contato com as mentorias. Ter disponibilidade para participar da cerimônia de encerramento, momento de celebração e de entrega do diploma para [u] mentorad[e].” Disponível em: <<http://bit.ly/35Le6vD>>. Acesso em: 25 nov 2019.

pessoas participantes poderiam ampliar sua atuação em órgãos com os quais nunca antes tiveram contato. Isso ocorreu, por exemplo, em minha experiência com meu Mentor, Javier Angonoa, e com Daniel de Castro (ONU/UNAIDS). Atuando por anos na área de Artes, tive minha primeira experiência como ativista em organização de Ativismo em Direitos Humanos. Para fornecer chave importante de compreensão da minha atuação no projeto, apresentarei uma das possíveis formulações do conceito de Artivismo, como ação transdisciplinar entre Artes e Ativismo em Direitos Humanos. Artivismo é, portanto:

um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polêmicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas [...]. A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística.”. A utilização de inúmeras linguagens e plataformas para explicitar, comentar e expressar visões do mundo e de produzir pensamento crítico, multiplica o espectro do artivismo a partir do qual é possível intervir poética e performativamente e construir espaços de comunicação e de opinião no campo político - arte de rua, ações diretas, performances, vídeo-art, rádio, culture jamming, hacktivism, subvertising, arte urbana, manifestos e manifestações ou desobediência civil, entre outras. (RAPOSO, 2015, p. 4)

Organizei, com intuito analítico, algumas manifestações artísticas ocorridas no projeto em Salvador, e em intersecção com ele - através das redes de encontros por ele possibilitados -, por campos de atuação, sendo o Artivismo um deles. A presença de ações artistas no projeto Trans-formação ocorre desde as edições de Brasília<sup>18</sup>. Opto por trabalhar com tal ampla denominação, a de manifestações artísticas, como proposta decolonial de borrar fronteiras classificatórias da produção cultural dos Corpos

---

<sup>18</sup> Na 2a edição do Trans-Formação, dois participantes encontraram junto a(...) mentor[e]s duas oportunidades de apresentarem seus trabalhos artísticos. Klaus publicou uma matéria sobre vogue e a comunidade LGBTI em um jornal de importante repercussão na cidade. Mickael escreveu e apresentou uma música em homenagem à Anderson Herzer na Jornada de Poesia LGBTI. Disponível em: <<http://bit.ly/35Le6vD>>. Acesso em: 25 nov 2019.

Transformacionais, de modo que se possa pensar em diversos modos de fazer a cena. Essa expansão reconhece os espaços de poder e produção de conhecimento fora dos cânones epistemológicos cisgêneros<sup>19</sup> e brancos do que significa “artístico”, e mais especificamente, do que significa “teatro”, “dança”, dentre outros. É importante salientar que os Corpos Transformacionais foram historicamente excluídos dos cânones hegemônicos euro-americanos (STRATHERN, 1987, 1992) de produção artística (HABIB, 2019a, 2019b, 2019c, 2019d). Em adição, tais trabalhos artísticos podem ser analisados com aporte dos Estudos da Performance de Schechner, já que as performances:

Ocorrem em diversas instâncias e tipos. A performance deve ser construída como um “amplo espectro” ou “*continuum*” de ações humanas que englobam rituais, jogos, esportes, manifestações populares, entretenimentos, as artes do espetáculo (teatro, dança, música), e performances da vida cotidiana para a promulgação de papéis sociais, profissionais, sexuais, raciais e de classes, bem como sobre a cura (do xamanismo à cirurgia), a mídia e a internet. Antes dos estudos da performance, pensadores ocidentais achavam que sabiam exatamente o que era e o que não era “performance”. Mas, na verdade, não há, histórica ou culturalmente, um limite fixo sobre o que é ou não “performance”. A esse *continuum* de ações, novos gêneros são adicionados, outros são abandonados. A idéia subjacente é a de que qualquer ação que está enquadrada, promulgada, apresentada, que chama a atenção, ou que se expõe é uma performance. Muitas performances pertencem a mais de uma categoria desse continuum. (SCHECHNER, 2013, p. 2, tradução minha)

As manifestações, *continuum* de ações (idem), são: 1) Transativistas - manifestações transdisciplinares ou interdisciplinares entre arte e política, sendo: a) Na área de Cultura, destaco a participação das pessoas mentoras Chico Assis (Gerente de Equipamentos Culturais da Fundação Gregório de Matos) e Cassi Ladi Reis Coutinho (Coordenadora de Culturas Populares e Identitárias do Centro de Culturas Populares e Identitárias na Secretaria de Cultura do estado da Bahia). Aponto que o contato com essas pessoas possibilitou a formulação do primeiro *TransSarau* de Salvador, por Bruna Fonseca, com a participação de inúmeras pessoas do projeto, e a abertura de

---

<sup>19</sup> Termo em oposição a transgênero: “Em interações sociais e iniciativas de ativismos trans\* (...). Um de seus primeiros usos referenciados (...) é de Carl Buijs, em 1995 (KOYAMA, 2002) (tradução nossa). O termo (...) teve e tem seu uso contestado ou ignorado a partir dos dispositivos de poder que constroem os gêneros inconformes como os únicos demarcáveis, em comparação às identidades de gênero cisgêneras naturalizadas.” (VERGUEIRO, 2015, p.51).



espaços de cultura para organização de eventos trans. Ambas as ocorrências são artistas à medida que propõem criações artísticas contra sistemas de poder, formulando reivindicações políticas em rede de atuação e estimulando envolvimento institucionais; b) Confecção de cartazes, bandeiras e adereços através de técnicas de pintura, serigrafia, maquiagem e costura, em reuniões de artistas que compuseram a organização da 2ª Marcha do Orgulho Trans de Salvador, realizada por pessoas participantes do projeto. Essa forma de ativismo propõe diferentes maneiras de organização política em torno do fazer artístico. Nesse sentido, os próprios atos de transformar performativamente matérias<sup>20</sup>, em conjunto, pressupõem diferentes políticas de resistência próprias ao modo de fazer; c) Presença da Transbatukada<sup>21</sup> na 2ª Marcha do Orgulho Trans de Salvador, criada por pessoas participantes do projeto. Essa manifestação artística está presente em muitos dos eventos urbanos de luta política por direitos e/ou visibilidade e dos espaços de construção LGBTQI+. As ações do coletivo englobam simultaneamente canto, dança, percussão e enunciação de discursos políticos. A batucada promove ativismo, por desenvolver diversos sentidos de organização da comunidade, à medida que interfere nas relações mutuamente imbricadas entre o movimento do público e a estrutura espacial dos eventos performativos; d) Fotografia, feita por mim, na 2ª Marcha do Orgulho Trans de Salvador. O ativismo fotográfico que proponho cria rede de relações e outras possibilidades de retratar/recriar o corpo nos movimentos políticos; e) Karaokê performático trans\* e jantar de acolhimento, no bar Caras&Bocas, atividade da 2ª Marcha do Orgulho Trans de Salvador. O local, que promove diversos eventos LGBTQI+, é importante espaço artístico da cidade, sendo mais conhecido por apresentações *Drag* e *Transformistas*. Foram apresentados pequenos números improvisados, em sistema microfone

---

<sup>20</sup> Aqui minha compreensão de performatividade é transdisciplinar entre performatividade de gênero (BUTLER, 2008), performatividade da matéria (BARAD, 2017) e performatividade (SCHECHNER, 2013).

<sup>21</sup> A transbatukada é um projeto artevista, de cunho político, a ideia surge a partir de uma demanda real de representatividade. (...) A comunidade LGBTI local, organizada, entra em contato com a batucada Anarco percussiva, através de uma das pessoas que assumem o contato da rede, Antenor Cardoso. (...) Antenor percebeu que não havia registro artístico e/ou musical de batucadas que trouxessem para o debate as vivências trans\*, ao acessar o movimento político auto organizado de pessoas trans de Salvador, juntamente com Carla Freitas Artista/Militante/Integrante do Cus lança a proposta da composição da uma batucada trans, imediatamente a ideia foi bem acolhida pela população. O maior desafio, é garantir o processo autoral e que a gestão dessa iniciativa possa ser integralmente do protagonismo político da população trans\*. Disponível em: <<http://bit.ly/34p4XIE>>. Acesso em: 25 nov 2019.

aberto, envolvendo dança, canto e performatividades *Drag* e Transformistas, simultaneamente a um jantar gratuito servido aos participantes da Marcha. A entrada trans\* era também gratuita, uma forma de facilitação de acesso às pessoas em situação de vulnerabilidade econômica-social. O humor perpassou todas as manifestações, com participação do público. O evento teve o intuito artista de promover a integração social como forma de resistência política, em torno do fazer artístico em contexto de movimento social; f) Discussões e confecção de cartazes com propostas artistas no Projeto Trans-formação, em grupo formado por mim, Bruna Fonseca, Mariah, Fabianne Galvão e Saman. Foi criada proposta de participação cultural trans\* na marcha LGBTQI+ de Salvador, em criações artísticas resistentes à cisheteronormatividade; 2) transhistóricas - manifestações transdisciplinares entre arte e história, como o documentário *0 ou 1*<sup>22</sup>; 3) transacadêmicas - manifestações artísticas em contexto acadêmico<sup>23</sup>, ou interligadas à produção documental e produção de teoria, como algumas das operadas pelo DeTransPraFrente<sup>24</sup>, por Yuna Vitória, Tito Carvalhal, Seu Vérciah, Viviane Vergueiro (2015) e por mim, em minha produção acadêmica (HABIB, 2019b, 2019c, 2019d), completamente trans\* formada pelo projeto, e em eventos acadêmicos que organizo, como o *Seminário Desmonte*<sup>25</sup>; 4) transartísticas – como as inúmeras performances ocorridas no evento final do Projeto Trans-Formação, obras pós-pornográficas e contrassexuais, coreográficas, autobiográficas, transformistas, da quebrada, musicais, poéticas.

---

<sup>22</sup> A formação de arquivo trans\*, de uma perspectiva artista e decolonial, têm sido exploradas por mim desde a gravação do meu primeiro documentário, chamado *0 ou 1* (2019), uma obra Brasil-França, feita em parceria com Anouck Lazslo Blanquart, e que contará com a participação de Viviane Vergueiro, Giovanna Rincon (França), Yuna Vitória, Theo Brandão, Seu Vérciah, Bruno Santana, etc.

<sup>23</sup> Amélia Maraux, Pró-Reitora de Ações Afirmativas (UNEB), participou também do programa de mentorias do projeto. Sua presença reafirma o compromisso que deve ser firmado por instituições de ensino, em relação à presença trans\* em espaços de construção de conhecimento. Disponível em: <<http://bit.ly/2DnMgsY>>. Acesso em: 25 nov 2019.

<sup>24</sup> Atualmente ministro aulas de produção audiovisual para o grupo, que gravará, através do Fundo Elas, documentários com conteúdos sobre organizações trans\*. Esse encontro não teria sido possível sem os encontros promovidos pelo projeto Trans-formação, da ONU.

<sup>25</sup> O *Desmonte - I Seminário de Dança e Diversidade* foi evento que organizei no PPGDAN/UFBA para discutir a produção de artistas corpo, gênero e sexualidade diversos, por vias decoloniais e interseccionais. Na mesa de abertura, o tema foi a produção de dados da UFBA em relação à violência sofrida por essas vivências na academia, e contou com a presença da Ouvidora UFBA 2019, a professora Dra. Iole Venin (NEIM). O seminário teve mais de 50 artistas, ativistas e pesquisadores transgêneros, alguns deles participantes do Trans-formação, da ONU, em performances, mesas de debate, cursos, exibição de vídeos, exposições e lançamento de livro. O evento tem propostas de continuidade.

Essas manifestações cênicas travestis, transgêneras, não-binárias, transviadinhas, monstras, barraqueiras, transapabixas, afrotransfeministas, anárquicas, babadeiras, pajubeiras, fechativas, putonas, da pista e da quebrada apresentam instâncias transformacionais. As ações Transartivistas, Transhistóricas e Transacadêmicas apontam para o paradigma político da dinâmica transformadora dos Corpos Transformacionais. O Corpo Transformacional, em suas instâncias de transformabilidade, necessariamente opera transformações corporais em redes de materialidades. Esse mecanismo é vital, ou seja, é necessário à própria existência desses corpos. Há uma “responsabilidade política-social pelos mecanismos de produção corporal, que é sempre compartilhada com o outro, especialmente em relações que envolvem corpos e gêneros diversos.” (HABIB, 2019a). Nesse processo de “troca de responsabilidades corporais, um corpo atravessa e simultaneamente é atravessado pelo outro, e, nessa mesma dinâmica, toda materialidade que se transforma simultaneamente transforma outra materialidade.” (HABIB, 2019a). Nessa perspectiva, um Corpo Transformacional, ao materializar, apresentar e potencializar transformações corporais, através dessas manifestações artísticas, invariavelmente transforma politicamente estruturas cisheteronormativas coloniais, que pretendem capturar e controlar instâncias transformacionais, ou operar transformabilidades intervencionais:

Não se trata de uma transformação de quem somos, mas de uma transformação da sociedade. É isso que nós desejamos e lutamos. E isso é só o começo.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/35JCP3n>>. Acesso em: 25 nov 2019.

**Figura 1**– Yuna Vitória e Liniker na Cerimônia final (ONU)



Fonte: CPDD/Salvador.

Já as manifestações Transartísticas materializam, apresentam e potencializam transformações corporais de inúmeras formas. Antes de analisar uma delas, a de Keila Simpson, definirei o evento onde a mesma ocorreu, a cerimônia final do Trans-Formação: “um momento de comemoração e valorização do trabalho realizado pel[u]s participantes durante os quatro meses”<sup>27</sup> de vivências. Fabianne Galvão, artista transformista que também se apresentou na noite, representou todos os participantes em sua fala, ao chamar a atenção para a dinâmica transformadora das ações propostas pelo projeto:

Para mim é uma honra muito grande essa trans-formação. E que ela tenha sempre um recomeço. Quero agradecer pelos debates que instauraram inquietudes por mudanças e levantaram a importância de lutar pelos nossos direitos.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/35Le6vD>>. Acesso em: 25 nov 2019.

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/35JCP3n>>. Acesso em: 25 nov 2019.

**Figura 2** – Cerimônia Final (ONU).



Fonte: CPDD/Salvador.

Essa dinâmica ocorreu em interlocução com as presenças de Julieta Palmeira (Secretária de Política Para Mulheres/Bahia), Ângela Pires (Oficial de Direitos Humano/ONU), Livia Vaz (Promotora de Justiça/MPBA), Eva Rodrigues (Defensora Pública), Jones de Oliveira Carvalho (SUDH/SJDHDS), Orley Silva (SUDECULT), Wdileston Souza (Diretor de Espaços Culturais DEC), André Reis (Diretor do CCPI) e Keila Simpson (Presidenta da ANTRA e coordenadora do CPDDBA. Tivemos:

Ao todo, 23 participantes — transexuais, travestis e não-binários — (...) contemplados e a formatura aconteceu na quarta-feira (4), no Espaço Cultural Solar Boa Vista, em Salvador (BA). O evento contou com a participação de Liniker e várias apresentações artístico-culturais dos formandos. Petra Perón<sup>29</sup> foi quem ciceroneou tudo.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Artista *Drag Queen* que desenvolve seus trabalhos em Salvador.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2XTHlt6>>. Acesso em: 25 nov 2019.

**Figura 3** – Javier Angonoa, Ian Habib e Liniker.



Fonte: CPDD/Salvador.

**Figura 4** – Performance do Coletivo Tretação – Fernande Ayô, Gaé Richard, Ian Habib e Lui Evragio na Cerimônia final (ONU)



Fonte: CPDD/Salvador.

O evento foi também o momento de participantes do projeto apresentarem suas obras artísticas. Keila Simpson (2019), usando vestido composto pelas cores da bandeira trans\*, abriu a cerimônia com a declamação performática do texto de Rafael de Menezes, *O Averso da Travesti*:

Eu sou o avesso do que o Sr. sonhou para o seu filho. Eu sou a sua filha amada pelo avesso. A minha embalagem é de pedra, mas meu avesso é de gesso. Toda vez que a pedra bate no gesso, me corta toda por dentro. Eu mesma me corto por dentro, só eu posso, só eu faço. Na carne externa quem me corta é o mesmo que admira esse meu avesso pelo lado de fora. Eu sou a subversão sublime de mim mesma. Sou o que derrama, o que transborda da mulher. Só que essa mulher sou eu, sou o que excede dela. Ou seja, eu sou ela com um plus, com um bônus. Sou a mulher que tem força de homem, que tem o coração trabalhado no gelo. Que pode ser várias, uma em cada dia da semana. Eu tenho o cabelo que eu quiser, a unha da cor que eu quiser. Os peitos do tamanho que eu quiser, e do material que puder pagar. O que eu não trocava por uma armadura medieval, uma prótese blindada talvez. À prova de balas, à prova de facas. Uma prótese dura o suficiente para me proteger de um tiro e maleável o suficiente para ainda deixar o amor entrar. Bailarina troglodita de pernas de pau. Eu fui expulsa da escola de dança e aprovada em primeiro lugar na escola da vida. Vestibular de morte, na cadeira da “bombadeira”, minha primeira lição. Era a pele que crescia e me dava a aparência que eu sonhava. Conosco, a beleza e a morte andam de mãos dadas. No mesmo trilho de uma vida marcada por dedos que apontam até o fim da existência. Na minha esquina. Sim, aqui as esquinas têm donos. À noite, meninas como eu ou como outra qualquer, usando um pedaço de tecido fingindo ser uma saia, brincos enormes, capazes de fazer uma mulher comum perder o equilíbrio e um salto de acrílico de altura inimaginável, que a faz sentir-se inatingível. Ela merece uma medalha. Para um carro, um homem ao volante que deixa em casa sua mulher, e quer ser mulher, até mais feminina que nós talvez. Porquê dessa vez os litros de silicone, os cabelos tingidos, os brincos enormes, os saltos altíssimos não impressionaram a ele. Seu desejo é pelo que ela não mostra nas ruas, ela vai ter que se ver como homem mais uma vez. E a vida segue. Muitas morrem, outras nascem cada vez mais novas. E assim elas vão desviando dos tiros, esbarrando no preconceito, correndo da polícia. Mas sempre com um batom nos lábios, um belo salto nos pés e na maioria das vezes um vazio no coração. Ela não precisa de redenção. (DIAS, 2017, p. 7).

**Figura 3** – Performance de Keila Simpson (ONU).



Fonte: Tainan Rangel/Ascom SJDHDS<sup>31</sup>.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2XTHlt6>>. Acesso em: 26 nov 2019.

Pude notar no corpo da performer, em situação de declamação, um cruzamento entre a dinâmica transformacional, através da materialização e potencialização das transformações corporais e das alterações de estados corporais a elas subjacentes, e a performatividade. Nesse caso, minha compreensão de performatividade é transdisciplinar entre performatividade de gênero (BUTLER, 2008), performatividade da matéria (BARAD, 2017) e performatividade (SCHECHNER, 2013). A performatividade de Schechner pode ser compreendida através da presentificação contida em:

"Ser" é a própria existência. "Fazer" é a atividade de tudo o que existe, de *quarks* e seres sencientes a cordas supergalácticas. "Mostrar o fazer" é performar: apontar para, sublinhar e exhibir o fazer. "Explicar o 'mostrar o fazer'" são os estudos da performance. É muito importante distinguir essas categorias umas das outras. O "ser" pode ser ativo ou estático, linear ou circular, em expansão ou contração, material ou espiritual. Ser é uma categoria filosófica que aponta para qualquer coisa que as pessoas teorizam como a "realidade suprema". "Fazer" e "mostrar fazer" são ações. Fazer e mostrar o fazer estão sempre em fluxo, sempre mudando – a realidade, como o filósofo grego pré-socrático Heráclito a experimentou. Heráclito aforou esse fluxo perpétuo: "Ninguém pode pisar duas vezes dentro do mesmo rio, nem tocar a substância mortal duas vezes na mesma condição" (fragmento 41). (SCHECHNER, 2013, p. 28)

O trinômio ser/fazer/mostrar o fazer acima apresentado, como duplamente ativo/estático, sempre em fluxo e atravessado por condição mutável de substância, é importante na compreensão da performatividade de Simpson, por apresentar um corpo em transformação. Já a performatividade da matéria (BARAD, 2017) refere-se à produção da matéria dos corpos, "do que importa/de como a matéria chega à matéria"<sup>32</sup> (BARAD, 2017, p. 7), e explicita:

Uma relação causal entre práticas excludentes específicas corporizadas como configurações materiais específicas do mundo (i.e., práticas discursivas/(con)figurações, mais que "palavras") e fenômenos materiais específicos (i.e., relações, mais que "coisas"). Tal relação causal entre os dispositivos de produção corpórea e o fenômeno produzido é uma de "intra-ação agencial". (BARAD, 2017, p. 19)

Já a agência, ou ação agencial:

---

<sup>32</sup> Compreensão advinda do título original *Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter* (2003), trabalho de Barad (2017) traduzido por Thereza Rocha. "Matter" é simultaneamente o que "importa" e "como a matéria chega à matéria".



Não é, sob qualquer hipótese, um atributo — é o “fazer”/“ser” em sua intra-atividade. A agência é a operação de mudanças interativas em práticas particulares através das dinâmicas de intra-atividade. Agência tem a ver com as possibilidades e a responsabilidade implicadas na reconfiguração dos dispositivos material-discursivos de produção corpórea, incluindo as articulações e exclusões de fronteiras marcadas por estas práticas na operação de uma estrutura causal. Possibilidades particulares de ação existem a cada momento, e essas possibilidades mutáveis implicam uma responsabilidade de intervir no devir do mundo, de contestar e retrabalhar o que importa e o que é excluído da materialização. (BARAD, 2017, p. 30)

Barad (idem) evidencia a agência como função de transformação nos dispositivos de produção corporais, ou seja, evidencia a transformação corporal através desses dispositivos. Quando compreendidas em conjunto com a minha leitura da modificação dos estados corporais em cada ato de produção corporal, na performatividade de gênero em Butler (2008), já aqui introduzida, todas essas noções transdisciplinares de performatividade se cruzam, em uma dinâmica transformacional performativa.

As alterações de estados corporais da performer, em sua presentificação transformacional travesti, são corporificadas em: O corpo que rompe com as binariedades cisgêneras e brancas, contidas nas expectativas do “Sr.” das fantasias ciscoloniais; a idéia de um corpo ao avesso; a transformação da matéria e de estados corporais contida no binômio pedra{ }gesso e coração{ }gelo; o sofrimento provocado por tentativas ciscoloniais de controle de transformações corporais; a subversão contida na transformação de si, de “ser várias”; as transformações de unhas, cabelos, peitos, materiais; a noção de prótese e de armadura como simultaneamente recursos transformacionais e de proteção à violência cisgênera, acoplamentos e (re)acoplamentos em redes de materialidades; a perna-de-pau como acoplamento e (re)acoplamento corporal; conflitos que implicam práticas de censura, assassinato, propagação de discursos de ódio, controle das transformações corporais e violências epistêmicas em expulsões de escolas de dança, vestibular da morte – o único possível para muitas pessoas trans\* –, binômio morte{ }vida, tiros, polícia, preconceito e precarização do afeto em corações vazios; a idéia de uma pele em expansão; silicone, cabelos, os brincos, saltos e o controle das transformações corporais em miradas desejanter objetificadoras e hipersexualizadoras cisnormativas, e em contexto

de trabalho sexual. Essa dinâmica transformacional pode ser cruzada com as compreensões de performatividade já acima elencadas. Além disso, aponto também para o paradigma político da dinâmica transformadora na performance de Simpson, visto que a mesma foi apresentada no contexto de ativismo.

## **Conclusão**

As atividades de Transativismo de Direitos Humanos no Projeto Transformação da Campanha Livres & Iguais da Organização das Nações Unidas, ocorridas em Salvador em 2019, formaram redes de resistência e organizações artistas, históricas, acadêmicas e artísticas, atuando contra mecanismos cisheterocoloniais institucionais e não-institucionais, fundados por dispositivos de controle de transformações corporais. O projeto interdisciplinar envolveu ações performativas que fortaleceram e visibilizaram ontologias e epistemologias cênicas de Corpos Transformacionais, em suas políticas de materialização e potencialização da alteração de estados corporais como procedimento de criação. Este artigo explicita a dinâmica transformacional performativa e a dinâmica transformadora dos Corpos Transformacionais.

## **Referências**

- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. **Revista Vazantes**, v. 1, n. 1, p. 07-34, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- DIAS, Claudenilson da Silva. **Identidades trans\* em Candomblés de Salvador: entre aceitações e rejeições**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- HABIB, Ian Guimarães. **Corpo-catástrofe: da transformação ao corpo sacrificial**. 2018. 132 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Departamento de Arte Dramática, UFRGS, Porto Alegre, 2018.
- HABIB, Ian Guimarães. Transmutações no Butô: estados corporais, corpo transformacional e censura no espetáculo Sebastian. **Ephemera**, Ouro Preto, v. 2, n. 2, 2019a.
- HABIB, Ian Guimarães. Corpos transformacionais: os estados corporais e as políticas dos corpos transgêneros na cena contemporânea. **Anais do VI Encontro Científico da ANDA**. Salvador: ANDA, 2019b.

RAPOSO, P. **Artivismo**: articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. New York: Routledge, 2012.

STRATHERN, Marilyn. The limits of auto-anthropology. *In*: JACKSON, Anthony. (Ed.). **Anthropology at home**. London: Tavistock Publications, 1987. p. 59-67.

STRATHERN, Marilyn. Parts and wholes: refiguring relationships in a post-plural world. *In*: KUPER, Adam. (Ed). **Conceptualizing society**. London: Routledge, 1992. p. 74-104.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador.